

Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Humanas  
Departamento de História

***La Hora de la Espada: as origens do movimento nacionalista  
argentino (1920-1930)***

Diogo D'angelo de Araujo Roriz

**Orientador:**

Prof. Dr. Francisco Doratioto

Brasília – DF  
Dezembro de 2013

**Data da Defesa Oral:** 17 de dezembro de 2013

**Banca Examinadora:**

- Prof. Dr. Francisco Doratioto
- Prof. Dr. Carlos Vidigal
- Prof. Dr. Luis Paulo Nogueiról

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília para a obtenção do grau de licenciado/bacharel em História.

À Minha Família.

Aos meus amigos.

*In memoriam:*

Dedico este trabalho a minha querida avó Laudicena  
Roriz de Oliveira, em seu doce descanso nos Elísios.

## **Agradecimentos**

Ao longo dos últimos anos tenho convivido com pessoas maravilhosas que, sem dúvidas, foram essenciais para a realização dos meus sonhos e superação dos muitos obstáculos que encontrei no decorrer desta pesquisa. Gostaria de relembrar, na medida do possível, aqueles que sempre estiveram comigo, porém, desde já me desculpo por qualquer esquecimento provocado por esta indolente memória.

Primeiramente, agradeço meus pais pela criação a mim legada, baseada em princípios morais sólidos, em uma educação libertadora e no respeito ao próximo e às liberdades individuais, e também ao meu irmão Sidney e minha cunhada Pollyana, pela força sempre representada desde os tempos difíceis da adolescência, à minha bela espanhola Natália, que soube me dividir com minha “segunda” namorada destes últimos meses, isto é, esta monografia, além, é claro, ao meu querido avô Altivo, o pracinha que não foi, mas que sempre será o meu herói de guerras e histórias.

Em segundo lugar, devo citar os Conterrâneos velhos de guerra: Daniel Queiroz e Pedro Willian, amigos de velhas empreitadas laborais nas tardes infindáveis de rock na boa e velha Samambaia. Um agradecimento mais que especial envio aos “tios”: Pedro Soares, Jorge Borges, Rafael “coxa” Grudka, Danilo, Diego, Gustavo, Renato, Caroline, Carol Moro, Gabriela, Rodrigo Piubelli, o “mestre”, e todos os demais Tiozões e tiozonas que participaram de incontáveis rodadas de RPG, bem como outros tantos momentos de fraternidade e companheirismo. Devo agradecer também aos antigos amigos do Kendo e aos meus senseis, que me foram essenciais em minha formação cidadã, por meio, principalmente, do valioso ensinamento das 7 virtudes do Bushido, que levo comigo em cada ato que tomo em meu dia-a-dia, são eles: Justiça, Coragem, Compaixão, Cortesia, Sinceridade, Honra e Lealdade.

O agradecimento final presto ao meu orientador, Francisco Monteoliva Doratioto, em gratidão aos anos de dedicação que tem demonstrado em minha formação de pesquisador. Foi por meio das leituras que me propiciou, pelos livros que me emprestou, e com suas categóricas colocações metodológicas, além de seu precioso apoio, que me guiou, ainda nos tempos de História da América 2, ao sonho de uma vida acadêmica.

Por fim, agradeço à Universidade de Brasília, que tão bem tem me acolhido.

Se a tolerância nasce da dúvida, que nos ensinem a duvidar dos modelos e utopias, a recusar as profecias da salvação, os arautos de catástrofes [...]

**Raymond Aron**, *O Ópio dos Intelectuais*.

É estranho, mas as coisas boas e os dias agradáveis são narrados depressa, e não há muito que ouvir sobre eles, enquanto as coisas desconfortáveis, palpitantes e até mesmo horríveis podem dar uma boa história e levar um bom tempo para contar.

**J.R.R. Tolkien**, *O Hobbit*.

“Não se pode repetir o passado?”, gritou, incrédulo. “Ora, mas é claro que se pode!”

**F. Scott Fitzgerald**, *O Grande Gatsby*.

## **Resumo**

A intelectualidade se tornou, ao longo do século XX, um influente grupo social e político na Argentina e, por conseguinte, se configurou em um importante personagem histórico em sua história recente. Sua contribuição para a formação e cristalização de uma cultura política naquele país tem sido alvo de diversos trabalhos nas últimas décadas. Esta monografia objetiva, desta forma, entender a importância dos intelectuais nacionalistas na Argentina dos anos 1920, buscando elucidar, a partir de uma análise retrospectiva, isto é, focando suas origens e sua relação com o processo de formação do Estado argentino, de que forma os demais grupos sociais e políticos daquela nação se viram marcados em sua vida cotidiana pela ação engajada, por eles protagonizada, naqueles anos de crise.

Palavras-chave: Argentina; Intelectuais; Movimento Nacionalista

## Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>8</b>
<b>1 – Um Mundo em Chamas .....</b>	<b>10</b>
1.1 – Les Intellectuels! .....	11
<b>2 – Nação, Nacionalismo e História: a construção da Argentina .....</b>	<b>14</b>
2.1 – Que se faça a nação argentina: da independência aos nativistas (1810-1910) ..	16
2.2 – Os nacionalistas, o revisionismo histórico e a politização do conhecimento histórico .....	21
<b>3 – Da pena às ruas: os nacionalistas e a sociedade civil se unem em nome da Pátria (1910-1930) .....</b>	<b>25</b>
3.1 – Nacionalismo em ação: Leopoldo Lugones, os irmãos Irazusta e outros nacionalistas nos anos 1920 .....	30
<b>Conclusão .....</b>	<b>37</b>
<b>Fontes Bibliográficas .....</b>	<b>39</b>

## Introdução

Ao observarmos, mesmo que à segura distância, o desenrolar dos acontecimentos políticos na história da Argentina, fascina a velocidade dos acontecimentos e a profundidade dos embates, que perpassam décadas de engajamento social e ideológico. No cerne das principais questões políticas daquele país, percebe-se a constante influência de uma arraigada consciência nacional, baseada em uma longa tradição cívica, para com as múltiplas interpretações históricas que, constantemente, se interpelam de forma antagônica.

O interesse inicial que levou à redação desta monografia não foi, aliás, as origens do movimento nacionalista, mas outro grande momento de tensões políticas: os governos de Juan Domingo Perón. Foi cursando a disciplina de História da América 2, porém, que o olhar se desviou para outros horizontes de análise, focando-se, à época, na presença do *gaucho* nas batalhas de independência nas primeiras décadas do século XIX na Bacia do Rio da Prata.

Em contato com algumas fontes bibliográficas utilizadas neste trabalho, percebemos, de forma gradativa, a presença de dois tipos diferentes de *gauchos*: o ignorante autóctone bárbaro e o patriota pampeiro. A dúvida se tornou um profundo interesse, e a releitura das fontes levou a uma curiosa conclusão: a distância entre as interpretações históricas divergentes acerca do *gaucho* e os embates memorialísticos de grupos políticos influentes do presente argentino era ínfima ou mesmo inexistente. O curioso tornou-se, assim, um objetivo a ser traçado por meio da pesquisa histórica: desvelar a história do mais controverso destes grupos, os famigerados *nacionalistas*.

Esta pesquisa já possui, aproximadamente, dois anos de existência, e ainda muitos outros por virem. Inicialmente, realizou-se por meio de pesquisas particulares sob o paciente olhar do orientador, em seguida ascendeu ao formato de um artigo científico concluído após um ano de pesquisas vinculadas ao Programa de Iniciação Científica (ProIC)<sup>1</sup> da UnB, intitulado *Um Projeto de Nação: as raízes do movimento nacionalista argentino (1920-1930)*.

---

<sup>1</sup> ProIC /DPP/UnB – CNPq 2012/2013.



Esta monografia, bem como toda a pesquisa, parte da seguinte hipótese: o nacionalismo tornou-se uma constante histórica neste último século a partir de sua ação na vida prática, que tem influído, para o bem e para o mal, nos caminhos políticos direcionados pela quase totalidade de seus representantes políticos e pelos diversos governos militares que protagonizaram uma contestada participação pública entre os anos 1930 e 1983<sup>2</sup>. As perguntas que seguem desta hipótese argumentativa, *a priori*, e que se transfiguram nos objetivos principais deste trabalho são: quais são as origens deste nacionalismo? Como ele tem se imbricado à vida social diária daquele país? Como foi interpretado pelos intelectuais argentinos e de que forma se engajaram em torno de sua defesa? Por fim, a pergunta que norteia o objetivo central da pesquisa: Como os intelectuais das primeiras décadas do século XX influenciaram a reprodução e cristalização do nacionalismo na cultura política da Argentina moderna e de que forma a sociedade civil e os demais grupos políticos se viram afetados em sua vida prática?

Na tentativa de dar uma resposta a esta questão, buscou-se nas fontes de época, principalmente nos artigos de jornais e revistas nacionalistas do período, com base na análise de bibliografia secundária especializada, bem como em um aparato teórico concernente, o entendimento do período histórico em questão, da produção dos principais intelectuais nacionalistas e a visualização do impacto de suas ideias na sociedade civil e na vida política argentina.

A monografia se estrutura em três capítulos temáticos e se desenvolve da seguinte forma: no primeiro capítulo far-se-á uma breve caracterização do contexto internacional e interno e, em seguida, uma análise da origem do intelectual moderno e a necessidade de se estudar seu papel social. No segundo capítulo, descreve-se as imbricações existentes entre o processo de formação do Estado argentino, após deflagrado o processo de independência em 1810, e o surgimento das principais ideias reinantes em seu contexto político, bem como o aparecimento dos primeiros mitos nacionais e sua relação com os nativistas. No terceiro e último capítulo, analisa-se o engajamento prático, tanto de intelectuais quanto de civis, em torno da defesa do nacionalismo argentino e o desenrolar da campanha antiyrigoyenista e antiradical travada na década de 1920, culminando no golpe militar de 1930.

---

<sup>2</sup> Início e fim da primeira e última ditadura militar naquele país, respectivamente.

## 1 – Um Mundo em Chamas

A década de 1920 foi um momento de turbulências e debates ao redor do mundo. Seus bastidores estão repletos de momentos de grande significação para a história mundial, dado os vastos acontecimentos cataclísmicos e turbulentos ocorridos ao término da década anterior. Em 1917 explodia a Revolução Russa e, em seu encalço, a primeira grande experiência de questionamento da ordem social que então operava o mundo ocidental.

Apenas um ano depois, chegava ao fim a 1ª Guerra Mundial, tida como o embate não de nações apenas; mas principalmente de nacionalismos efervescentes. Suas consequências desastrosas para a humanidade espalharam mundo a fora uma sensação de temor pelos tempos vindouros. As perspectivas não eram positivas, e todas descambavam para um rumo similar: o fim dos regimes liberais e a implantação de novas ideologias de Estado.

A Argentina deste momento não esteve de fora do sentimento de não pertencimento que parecia se alastrar por todo o globo. O que se sentia, por assim dizer, era um profundo mal estar pelo novo mundo que surgia, pois como já se falava à época, a *Belle Époque* dos velhos tempos não mais retornaria. Os anos 1920 foram então, tanto neste país quanto em outros continentes, uma época de fortes ideologias que alentavam o surgimento de uma nova ordem. À frente deste grande laboratório ideológico a céu aberto se apresentavam os intelectuais em seu ofuscante engajamento político.

Foram das obras dos mais diversos tipos de intelectuais, como escritores, cientistas, poetas e livres pensadores, que se deu a defesa de uma nova Ordem mundial. Parte destes encabeçaram a defesa do espírito nacional de suas respectivas sociedades, tão necessária em uma época onde nações definhavam em meio à crise existencial oriunda da barbárie da Grande Guerra.

Não obstante, muito do que se falou e escreveu, fruto de seu contexto histórico, retratou vias autoritárias de mundo, defendidas em nome da restauração da tradição e da consciência nacional. Porém, primeiramente, deve-se buscar entender as origens deste personagem histórico tão importante para a condução do mundo das ideias ao longo do

último século. De onde vieram os intelectuais e qual sua importância como objeto de estudo?

### 1.1 – Les Intellectuels!

Em 1894, em plena *Belle Époque* francesa, surgia um dos mais obscuros e debatidos casos judiciais da história daquele país, quem sabe até mesmo da própria Europa. Dois tipos de protagonistas emergiram deste período: o réu e parte verdadeiramente interessada, o oficial francês, de origem judia, Alfred Dreyfus; e um grupo heterogêneo e engajado de eruditos franceses, e mesmo de outros países, que assumiram sua defesa, ou reafirmaram sua culpa, no calor dos debates.

O famoso “Caso Dreyfus”, como ficou eternizado, dizia respeito à acusação de alta traição supostamente cometida por parte do *monsieur* Dreyfus, que teria estado envolvido em espionagem militar encomendada pela Alemanha. O caso ganhou as ruas e os cafés parisienses, chegando à boca dos populares e dos *hommes de lettres*. Estes últimos, eruditos das mais diversas linhagens, assumiram papéis múltiplos na questão: parte destes foi favorável à acusação e à execução da pena a qual foi submetido, a prisão perpétua, muitos outros, porém, assumiram a defesa de Dreyfus. Estes últimos, favoráveis à revisão do julgamento, acusaram abertamente o Estado francês de acobertar aquela que seria a nítida face do antissemitismo imperante naquele país.<sup>3</sup>

Em meio a este teatral estado de conturbações na vida política e cultural de Paris, surgiria o conceito tão entremeado e carregado de significações que se popularizou e ganhou vida como a marca registrada de um grupo social bastante excêntrico: *les intellectuels*.<sup>4</sup> Ainda que o surgimento da palavra preceda este momento histórico, o conceito, com sua carga semântica significadora:

remonta ao célebre *Manifeste des intellectuels*, publicado no diário *Aurore* de 14 de janeiro de 1898 (...) Recebido com desconfiança nos

---

<sup>3</sup> Um dos artigos mais famosos deste período foi o “*J'accuse*” de Émile Zola, um dos grandes defensores de Dreyfus.

<sup>4</sup> Em português, “Intelectuais”. LOPES, Marcos Antônio. Pena e Espada: Sobre o Nascimento dos Intelectuais IN LOPES, Marcos Antônio (org.) **Grandes Nomes da História Intelectual**. São Paulo: Ed. Contexto, 2003, p. 41.

dicionários e considerado frequentemente como gíria ou expressão depreciativa, o termo Intelectuais conserva ainda o sentido político que recebeu, como se fosse um nome de guerra, no conflito entre conservadores e progressistas em torno do caso Dreyfus<sup>5</sup>

A figura do intelectual, este livre pensador combativo, emergente tanto das classes hegemônicas quanto das mais humildes, surge das cinzas dos velhos sábios, conselheiros da coroa ou mesmo dos antigos filósofos, envoltos em suas próprias ideias e devaneios, que figuram as civilizações humanas a milênios. Muito além de um mero erudito produtor de ideias, o intelectual é aquele que se engaja em torno destas e as transformam em ideal, isto é, aquele que, de seu cômodo papel de cidadão, transcende a um papel combativo, que, através da união da teoria e prática, visa atingir seus fins na vida em sociedade<sup>6</sup>.

Este conceito logo ganhou os mares e rodou o mundo, cristalizou-se no inconsciente coletivo. Tornou-se presente na vida política e cultural de todo o Ocidente, e, portanto, influenciador direto da realidade física e material, histórica. A História Intelectual surgiu, então, com a meta de dar face ao seu papel social, engajado e influenciador da História. Diversos historiadores se destacaram neste campo historiográfico, dividindo-se, basicamente, em dois grandes grupos: o francês, representado na atualidade por, dentre outros, Jean-François Sirinelli e Michel Winock e o “anglo-saxão”, onde se destacam o americano Robert Darnton e os ingleses Quentin Skinner e John Pocock<sup>7</sup>.

Em *Por uma história política*, Jean-François Sirinelli definiu a relação da história dos intelectuais com este movimento que buscou vislumbrar novos rumos para a história política clássica. Com este grupo de pensadores, a história política, e consequentemente a história dos intelectuais, passaria a se ocupar da busca, em seu cerne, o papel da cultura política na vida social<sup>8</sup>. Segundo Sirinelli, assim, a história dos intelectuais, em sua definição política, visa buscar o papel desempenhado por este grupo

---

<sup>5</sup> MARLETTI apud Idem.

<sup>6</sup> BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder**: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: Unesp, 1997, p. 114.

<sup>7</sup> LOPES, Idem, pp. 9-10.

<sup>8</sup> REMOND, René. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV Ed., 2010, p. 7.

social na vida política comum e diária, logo, na cultura política de uma determinada sociedade<sup>9</sup>.

A História Intelectual, um subproduto que veio a se tornar independente da História das Ideias, também produziu, assim, suas próprias subcorrentes, dentre elas a História dos Intelectuais. Onde está, afinal, a diferença entre uma e outra? A primeira, a Intelectual, buscar pensar as tradições intelectuais de forma não conjuntural, dando visão ao todo, enquanto que a segunda, dos Intelectuais, “tende a privilegiar a conjuntura servindo-se de uma abordagem, notadamente, sociopolítica”<sup>10</sup>. Este trabalho, por conseguinte, visa dialogar, no limite do necessário, com estas duas correntes. A tradição intelectual aqui colocada é aquela chamada de “nacionalista”, enquanto que o objeto de análise, *de facto*, são os intelectuais que com ela interagiram em uma determinada conjuntura histórica.

---

<sup>9</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais IN Idem, p. 237.

<sup>10</sup> Idem, p. 19.

## 2 – Nação, Nacionalismo e História: a construção da Argentina

Lidar com a História da Argentina, e, em uma interpretação mais ampla, com a História da América, requer do historiador uma dose necessária de preocupação e discernimento para com os usos conceituais. Este apontamento se faz útil não só ao pesquisador, mas também ao caro leitor que, no limite de uma aguda estranheza, costumeiramente percebe-se envolto de conceitos afins, muitas vezes importados de outras regiões, e compreende que, caso busque aplicar uma explicação baseada em teorizações clássicas a estes conceitos, provavelmente ficará a ver navios.

A questão dos conceitos é, como se tem percebido, tributária da atenção de grande parte dos historiadores de América. Deve-se, desta forma, tomar precauções primárias, por exemplo, no contexto histórico argentino: o termo *liberal* está para o seu correspondente norte-americano assim como um *Whig* estaria para um *Tory* na Inglaterra oitocentista<sup>11</sup>. Nesta mesma linha de pensamento podem-se enquadrar outros tantos termos, tais como *federalismo*, *nacionalismo*, *radicalismo*, *democracia* etc.

Conceitos como os apresentados anteriormente não podem, e nem devem, serem desenraizados de seu tempo e espaço originários, fazê-lo significa incorrer em um erro cíclico: a extrapolação semântica, ou ainda, a mera importação de ideias cristalizadas e, como se supõe, meramente exequíveis em um contexto completamente diverso. Não obstante, é comum que um mesmo termo seja utilizado em locais diversos e em tempos semelhantes, porém, com significações, *a priori*, particulares.

A questão aqui levantada é o limite nos usos conceituais muitas vezes empregados por historiadores americanistas. Constantemente empregam-se conceitos de forma equivocada, ou ainda, fictícia, logo puramente teórica, para qualificar experiências históricas bastante específicas e próprias. Um exemplo, deparado constantemente ao longo desta pesquisa, foi o uso inapropriado, por parte de renomados pesquisadores, de diversos conceitos, tais como os pares opostos *direita/esquerda*, *reacionarismo/progressismo*, *nacionalismo/universalismo*<sup>12</sup>. Koselleck, em seus estudos

---

<sup>11</sup> Referência à clássica disputa política inglesa envolvendo os “Whig” (Liberais) e os “Tory” (Conservadores).

<sup>12</sup> Alude-se à conceituação proposta por Reinhart Koselleck de “conceitos antitéticos assimétricos”, isto é, a construção taxativa e excludente, além de autoritária, realizada pelo historiador ao tratar de forma despercebida e descuidada, do ponto de vista semântico e conceitual, o seu objeto de estudo.

em torno da História dos Conceitos, já apontou que “no mundo da história, quase sempre se trabalha com conceitos assimétricos e desigualmente contrários”<sup>13</sup>

O que está em jogo é a ética na prática historiográfica, isto é, o cuidado com os conceitos e termos que se visa aplicar, sempre ponderando as consequências de tal atitude. A História, fruto de um filtro natural desempenhado, primeiramente pela própria fonte em si, secundamente pelo historiador que a analisa, ganha corpo e sentido a partir de sua conexão com a linguagem utilizada pelo pesquisador. Como diz Tereza Kirschner:

O que aconteceu no passado só é ‘real’ – retrospectivamente – por meio da *fictio* da linguagem. Entretanto, a linguagem empregada para narrar os acontecimentos (...) apresenta uma relativa estabilidade, o que permite que as mesmas palavras reapareçam em diferentes momentos, relacionadas a experiências distintas no tempo e espaço<sup>14</sup>

Uma das questões mais sensíveis para este trabalho no trato deste tema, ou seja, a caracterização conceitual desta intelectualidade nacionalista argentina, tem sido fruto de acalorados debates entre os especialistas da área. Termos diversos foram propostos, tais como: *contrarrevolución*<sup>15</sup>, *extrema derecha*<sup>16</sup> e *movimiento nacionalista*<sup>17</sup>. Após uma profunda reflexão, percebeu-se que, os dois primeiros termos, propostos por Sandra McGee Deutsch, se mostram equivocados em sua carga semântica quando aplicados a este caso nacional, uma vez que ambos foram propostos para lidar com o caso europeu<sup>18</sup>. Já o terceiro, levantado por David Rock, foi pensado para o caso

---

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 191.

<sup>13</sup> Idem, p. 193.

<sup>14</sup> KIRSCHNER, Tereza. A reflexão conceitual na prática historiográfica. **Textos de História**, vol. 15, nº1/2, 2007. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/textos/article/view/959>. Acesso em: 15 julho 2013, p. 2.

<sup>15</sup> “El significado de la palabra *contrarrevolución* es evidente en el término mismo. Implica una oposición radical al liberalismo, la democracia, el feminismo y varias formas de *izquierdismo* [...]” MCGEE DEUTSCH, Sandra. **Contrarrevolución en la Argentina**: La Liga Patriótica Argentina (1900-1932). Buenos Aires, 2003, p. 11.

<sup>16</sup> “Aquí empleo la palabra *derecha* para distinguir mis observaciones de las de Mayer, porque ahora divido la *derecha* latino-americana en moderada y extrema (...) también uso las expresiones *extrema derecha* y *derecha moderada* [...]” MCGEE DEUTSCH, Sandra. **Las derechas**: La extrema derecha en la Argentina, el Brasil y Chile, Buenos Aires, 2005, p. 22.

<sup>17</sup> “El movimiento nacionalista represento, por supuesto, la extrema derecha de la política argentina; pero el término ‘*derecha*’ debe ser tomado con cautela en el sentido de que siempre se consideraron fuera del sistema político formal” , ROCK, David. **La Argentina Autoritaria**. Buenos Aires, 1993, p. 15.

<sup>18</sup> Porém, ambas as valorosas pesquisas da autora se baseiam em um vasto corpo documental, e, portanto, não se invalidam pelas suas opções conceituais.

específico argentino, uma vez que respeita o caráter heterogêneo e diversificado desta corrente intelectual. Sendo assim, este trabalho concorda com Rock em sua conceituação teórica, porém, respeita, para fins didáticos, as conceituações dos demais autores aqui utilizados.

O caso argentino inspira interesse mesmo ao mais desatento observador. Ao primeiro lance de vista, é perceptível a presença de múltiplos fatores que se congregam em um todo ora dissonante; ora agregador, que diversificam o pensamento nacionalista deste país de seus semelhantes. O fenômeno nacionalista pode aqui ser entendido como a confluência de correntes teóricas em advento no velho mundo para com as próprias características específicas deste povo. Logo, deve-se, neste momento, buscar analisar o âmbito prático e, assim, entender o processo de formação do nacionalismo argentino.

## **2.1 – Que se faça a nação argentina: da independência aos nativistas (1810-1910)**

Em 1810, com as invasões napoleônicas na Europa e o exílio forçado do rei espanhol Fernando VII, súditos da coroa espanhola e do rei exilado presentes em solo americano, desconhecendo a atual coroa e a falta de legitimidade de seus atos, deram início ao longo processo de independência das colônias hispânicas nas Américas, ainda que, a priori, o discurso vigente apontasse na busca de manutenção das posses do verdadeiro rei, que, uma vez impossibilitado de governar, postergava aos colonos a obrigação de manter suas legítimas posses.<sup>19</sup>

A primeira das colônias a tomar tal atitude foi exatamente aquela que figurou por longa data como o elo mais fraco do grande Império espanhol no Novo Mundo: o Vice-Reino do Rio da Prata, constituído à época pelos atuais Uruguai, Paraguai, Bolívia e Argentina<sup>20</sup>. Uma longa discussão sobre o futuro do Vice-Reino se estendeu por décadas a fio, perpassando-se guerras, revoluções e conflitos internos. Muitos historiadores definem a questão territorial como uma das grandes bases da história da região do Rio da Prata no século XIX.

---

<sup>19</sup> HALPERIN DONGHI, Tulio. **Historia Contemporánea de America Latina**. Madrid: Ed. Alianza, 2010, p. 97.

<sup>20</sup> BANDEIRA, Moniz. **O Expansionismo brasileiro e a formação dos Estados na Bacia do Prata**. 3ª ed. Brasília: UnB, 1998, p. 43.



As contradições internas argentinas estão diretamente ligadas a este contexto de conflitos e tramas, além do trauma causado pela desestruturação do Vice-Reino. Em 1811, José Gaspar Rodríguez de Francia proclamou a independência do Paraguai e, em 1828, a província da Cisplatina, ou Banda Oriental, como era chamada no Rio da Prata, tornou-se independente e ganhou o nome de Uruguai. Ambos os fatos são de especial relevância por conta de sua repercussão no cenário político argentino.

Com a separação formal em 1810, se seguiu um estado de anarquia e de detrimento das antigas estruturas coloniais espanholas<sup>21</sup>, favorecendo o aparecimento de milícias armadas compostas por habitantes locais, os *gauchos*, por sua vez liderados pelos grandes proprietários de terras das províncias do interior, conhecidos por *caudillos*<sup>22</sup>.

O que se pode abstrair é exatamente a situação de oposição de interesses imediatos: enquanto a elite comercial do *cabildo* de Buenos Aires buscava exercer a liderança sobre as demais províncias, estas, por sua vez, a partir de suas elites locais, buscavam a autonomia e uma participação mais efetiva na configuração deste novo Estado.

Desta forma, surgia a raiz das contradições políticas da Argentina moderna: a luta entre os favoráveis pelo unitarismo, sob o controle de Buenos Aires, e os “*federales*”, a favor da manutenção da autonomia das demais províncias. Por conta destas questões o sistema político se viu devastado e caótico e envolto em um estado de guerra civil constante entre estas duas facções ideológicas, tendo a situação se estabilizado, de certa forma, apenas com a ascensão do ditador Juan Manuel Rosas, que governou Buenos Aires de 1829 a 1852.

Foram estas duas correntes ideológicas as responsáveis por longas e acaloradas discussões no cenário nacional. A primeira, a unitária, encarnava de forma consensual uma “*postura liberal, elitista, centrada en Buenos Aires y en las clases altas cultas que promueven el éxito mediante la imitación de Europa y los Estados Unidos*”<sup>23</sup>. Seu

---

<sup>21</sup> Donghi denomina de “*la larga espera*” este período de conturbações, que vai de 1825 a 1850. DONGHI, Idem, p. 135.

<sup>22</sup> Os caudillos eram grandes proprietários de terras que possuíam um carisma natural para lidar com seus peões, os *gauchos*, que constituíram suas milícias particulares. Muitos deles marcharam com estas milícias para as batalhas de independência.

<sup>23</sup> SHUMWAY, Nicolás. **La Invención de la Argentina**: Historia de una Idea. 2 ed. Buenos Aires: Emecé, 2002, p. 233.

discurso denegria a herança cultural espanhola e a forma “bárbara” de vida rural que os habitantes das províncias do interior levavam. Assim, os defensores desta corrente logo passaram a serem conhecidos simplesmente por *liberais*, ainda que o termo *liberal*<sup>24</sup> aqui constituído em muito difere de sua conceituação clássica.

Em contrapartida, do lado exatamente oposto do discurso *liberal*, se encontrava, em um primeiro momento, seus opositores *federales*<sup>25</sup>, que se baseavam em uma visão de privilégio ao passado colonial. Exaltava-se a figura do colonizador espanhol e de seus descendentes diretos, os caudilhos, bem como o habitante autóctone dos pampas, isto é, o *gaucho*, em detrimento do elemento estrangeiro. Mais tarde, com a defesa da descentralização política e com o protecionismo em torno da mão de obra local, este mesmo pensamento seria devidamente apropriado pelo discurso nativista, inclusive a partir de uma redefinição do *gaucho*<sup>26</sup>.

Deste ponto em diante é possível se falar em um “nacionalismo” argentino primitivo, surgido em consonância com a unificação da Argentina em 1862. Nacionalismo, quanto ideologia *de facto*, porém, teve seu surgimento na virada deste século para o XX, inspirado em doutrinas intelectuais europeias, não obstante sua gênese tenha se dado neste momento de consolidação nacional.<sup>27</sup> Desde já o nacionalismo não possuiu uma definição única e muito menos seus seguidores possuíram um sentimento de grupo homogêneo. Pode-se falar em diversas visões de nacionalismo em voga desde então na Argentina: a *populista*, a *conservadora*, a nativista e aquela intentada por Urquiza e Alberdi, a federalista e progressista<sup>28</sup>.

Esta dificuldade em se unificar, seja em grupo ou em forma de partido político, corrobora o que disse David Rock acerca da pouca projeção política desta corrente ideológica ao longo de décadas:

---

<sup>24</sup> Conforme diz Shumway: “A esta altura debería ser obvio que el uso de las palabras ‘liberal’ y ‘liberalismo’ en la Argentina es muy distinto al que se le da en Estados Unidos y Europa Occidental.” Idem, p. 233.

<sup>25</sup> Optou-se por não se traduzir este termo por questões semânticas.

<sup>26</sup> O Gaucho foi tipificado, mais tarde, pelo revisionismo nacionalista como sendo o livre habitante dos pampas que encarnava a figura típica da Argentina tradicional: “El nombre gaucho adquirió una significación particular en nuestro siglo cuando autores nacionalistas y populistas [...] hicieron del gaucho el símbolo de la Argentina auténtica” Idem, p. 87.

<sup>27</sup> O escritor Olegario Andrade falou, em 1866, que o contexto político argentino estava dividido em dois grandes grupos “Federales y unitarios ... nacionalistas y liberales”. Idem.

<sup>28</sup> Idem.

*[...] a diferencia de los federales del siglo XIX, el movimiento nacionalista nunca dejó de ser una pequeña fracción dividida, a su vez, en numerosos grupos rivales [...] los nacionalistas siempre fueron más importantes como una intelectualidad disidente, cuya principal influencia procedía de sus doctrinas y de sus nexos con grupos de poder.*<sup>29</sup>

Foi no interior do país que a influência *liberal* portenha foi minimizada. Ali, apesar das levas de imigrantes que a cada novo ano chegavam, estava vivo o ancestral gaúcho e a forte tradição caudilhesca, tão escassos na cosmopolita Buenos Aires da virada do século XIX. É neste ponto que se encontra a grande bomba de propulsão do nacionalismo argentino: o apego ao passado de ouro, baseado na vida rural, nos ritos cristãos e no forte clericalismo.<sup>30</sup>

No fim do século XIX, com o fim do federalismo, os nativistas começaram a tomar corpo, inspirados, sobretudo, no movimento contrarrevolucionário espanhol e francês. Até a Primeira Guerra Mundial, a principal inspiração para o discurso destes intelectuais encontrava-se nos escritos do espanhol Menéndez Pelayo, e, mais tarde, nos de Charles Maurras.<sup>31</sup> As bases ideológicas para o surgimento de um nativismo, com raízes *federales*, estão alicerçadas nas profundas mudanças ocorridas na próspera Argentina do fim do século XIX: atração de mão de obra estrangeira e proletarização das cidades. O nativismo consistiu, então, na revalorização do passado hispânico, e de seus ancestrais, em oposição ao estrangeirismo “anárquico e corrompedor” dos *liberais* portenhos<sup>32</sup>.

Estas correntes doutrinárias europeias que vieram a influenciar os jovens nativistas argentinos pregavam o dismantelamento da sociedade liberal, fortemente materialista, segundo diziam. Outro importante vetor para a expansão deste nativismo argentino foi a literatura daquele período, diz Deutsch que “*Influidos por el idealismo europeo y por el escritor uruguayo José Enrique Rodó [...] respaldaban lo que consideraban la cálida herencia filosófica hispánica contra el frío utilitarismo de los*

---

<sup>29</sup>ROCK, David. **La Argentina Autoritaria**: Los Nacionalistas, su historia y su influencia en la vida pública. 2. ed. Buenos Aires: Editora Ariel, 1993, p. 15.

<sup>30</sup>Um famoso axioma federalista, que mais tarde foi apropriado pelos nacionalistas, foi o “*Religión o muerte!*”. Idem.

<sup>31</sup>Idem, p. 29.

<sup>32</sup>MCGEE DEUTSCH, Sandra, **Derechas**, p. 50.

*Estados Unidos y de los inmigrantes.*”<sup>33</sup> Frequentemente atacavam a Revolução Francesa, os iluministas e a ideia de democracia, inclusa nesta última as leis escritas, por conta de seu caráter anticristão e não respeitador da natureza humana e das leis de Deus.<sup>34</sup>

Um dos pontos de concordância entre os nativistas deste período foi o medo gerado pelo socialismo e, igualmente, pelo capitalismo. Para eles, a incapacidade capitalista de manter um equilíbrio social alimentava o desejo por uma luta de classes, como preconizavam os socialistas. Pensavam ser necessário encontrar um ponto de equilíbrio, ou ainda, uma harmonia de classes, que mantivesse cada uma das partes em sua devida posição. Suplementar a isto, encontrava-se a questão da legitimidade de poder, centrado em Deus e em seus representantes na Terra.

Temerária de um levante socialista em escala mundial, e também contrária à política laica do capitalismo liberal, a Igreja Católica, pilar fundamental destes nativistas, e posteriormente de grande parte do movimento nacionalista, liberou em 1891 a primeira encíclica papal de cunho social, a *Rerum Novarum*, com uma mistura de conservadorismo e progressismo. O ponto central desta encíclica foi o equilíbrio social e a defesa da ideia de harmonia de classes.<sup>35</sup>

Com a *Rerum Novarum* as correntes nativistas argentinas se fortaleceram e ganharam representações em forma de agremiações e associações católicas de cunho social cristão, como os *Centros de Mujeres Católicas*, que visavam proteger os interesses dos trabalhadores, aquém do socialismo marxista. Desta forma, a encíclica papal apresentava uma alternativa tanto ao capitalismo quanto ao socialismo, isto é, uma terceira via, uma espécie de solidariedade cristã, suficientemente forte para preservar a harmonia das classes.<sup>36</sup>

---

<sup>33</sup> ROCK, Idem, p. 57.

<sup>34</sup> Idem, p. 30.

<sup>35</sup> Idem, p. 53.

<sup>36</sup> Idem.

## 2.2 – Os nacionalistas, o revisionismo histórico e a politização do conhecimento histórico

Todas as vezes em que se combinaram uma grande cultura intelectual e um sofrimento (inseparável das grandes mudanças) na situação do povo, os homens de talento para a especulação ou a imaginação buscaram na contemplação de uma sociedade ideal um remédio ou, pelo menos, um consolo para os males que, na prática, eram incapazes de eliminar<sup>37</sup>

A palavra nacionalismo tem sido utilizada constantemente ao longo dos últimos dois séculos por escritores, poetas, filósofos, historiadores, políticos, ditadores e muitos outros que visaram, em sua utilização, o reconhecimento de uma nova realidade baseada em mitos nacionais. É importante perceber, entretanto, que, tal como os conceitos já apresentados, a palavra nacionalismo também está imbuída de uma grande carga semântica dotada de posicionamentos políticos e ideológicos. Koselleck argumenta que esta batalha semântica em torno dos conceitos pode ser encontrada em diversos momentos de crise registrados pela história, caracterizando assim o uso dos “-ismos”, sufixo este que, segundo ele, tem servido ao intuito de dar significado a diversos movimentos, sobretudo de massas, ao longo da modernidade.<sup>38</sup>

O nacionalismo tem assumido diversas perspectivas e nuances ao longo destes séculos. Sua origem é muito debatida, porém, assume-se entre muitos historiadores a interpretação de que, em seu formato político, esta ideologia tenha tido seu aparecimento com a ascensão dos Estados-nacionais a partir do fim do século XVIII<sup>39</sup>. Não obstante o desconhecimento de sua origem, suas interpretações clássicas tem assumido múltiplas facetas, geralmente antagônicas e pouco consensuais<sup>40</sup>.

A formação da identidade nacional argentina, por sua vez, está intrinsecamente imbricada ao próprio processo de constituição do Estado argentino. Os embates e conflitos, físicos e/ou intelectuais, daquele país têm moldado, ao longo de toda sua história, as ideias em voga em sua vida política. Como disse Félix Luna “*Pero también nuestras luchas políticas han sido fuertes, por veces: en el siglo pasado los unitários y*

---

<sup>37</sup> ACTON, Lord. Nacionalidade IN BALAKRISHNAM, Gopal (Org.) **Um Mapa da Questão Nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, p. 23.

<sup>38</sup> KOSELLECK, Idem, 2006, p. 102.

<sup>39</sup> HOBSBAWM, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 27.

<sup>40</sup> ANDERSON, Benedict. Introdução IN BALAKRISHNAM, Idem, p. 7.

*los federales, después los radicales y los conservadores o los peronistas y antiperonistas*”<sup>41</sup>.

Ainda no século XIX, pensadores de todas as estirpes se engajaram no desenlace dos confrontos políticos daqueles tempos e puseram em pauta suas propostas de nação. A primeira grande geração intelectual combativa na Argentina surgiu em meio à dura ditadura de Juan Manuel Rosas, e ficou conhecida como *La Generación de 1837*<sup>42</sup>. Bartolomé Mitre, Juan Bautista Alberdi, Domingo Faustino Sarmiento, estes foram alguns dos mais importantes integrantes desta geração de pensadores, herdeiros da tradicional disputa entre unitários e *federales*. Foram eles os criadores dos principais mitos nacionais que permearam o heterogêneo escopo teórico, se assim pode dizer, dos nacionalistas do porvir<sup>43</sup>.

Seu papel preponderante na criação destes mitos nacionais<sup>44</sup> se deu, sobretudo, por meio dos usos da História, outra constante histórica argentina. Diana Quattrocchi-Woisson, em um rico estudo acerca dos usos da memória ao longo da vida política recente da Argentina, apontou que a politização do passado tem servido aos interesses de diversos grupos políticos do último século, como forma de ressignificação do passado a fim de legitimar os seus atos no presente<sup>45</sup>. Estes usos chegaram a tal nível que, a partir do advento dos nacionalistas, pode-se falar na existência de duas histórias paralelas em curso naquele país: a oficial, iniciada por Bartolomé Mitre em 1857 com sua *Galería de celebridades argentinas*<sup>46</sup>, e a revisionista, que vislumbrou retirar de cena esta história *liberal* dando espaço à “verdadeira” história da nação argentina.

O revisionismo histórico argentino teve início na década de 1920 a partir dos escritos nacionalistas. A utilização desta terminologia como referência implícita ao revisionismo histórico nacionalista está em concordância com as teses da bibliografia especializada. Porém, como aludiu Quattrocchi-Woisson, a marca fundacional deste revisionismo, isto é, a ressignificação da imagem de Rosas, também encontrou ecos em outro revisionismo levado a cabo nos anos 1920, isto é, o revisionismo histórico radical, o primeiro a reabilitar a imagem do ditador com tons de anil; de um pacificador

---

<sup>41</sup> LUNA, Félix. **Breve Historia de los Argentinos**. 11ª ed. Buenos Aires: Planeta, 2003, p. 266.

<sup>42</sup> SHUMWAY, Idem, p. 131.

<sup>43</sup> Idem.

<sup>44</sup> Shumway os denomina “*ficciones orientadoras de la Argentina*”, Idem, p. 131.

<sup>45</sup> QUATTROCCHI-WOISSON, Diana. **Los Males de la Memoria**: Historia y Política en la Argentina. Buenos Aires: Emecé, 1995, p. 323.

<sup>46</sup> Idem, p. 209.

injustiçado pela história liberal mitrista, em curso até o advento do radicalismo na cena política argentina em 1916<sup>47</sup>.

Sua espinha dorsal foi a recriação da imagem do ditador Juan Manuel Rosas como um injustiçado defensor da pátria, denegrido pelos liberais de outrora. Defensores de regimes fortes, autoritários e viris, os nacionalistas viram em sua persona o modelo de governante da qual necessitava a Argentina de seu tempo. Em importante obra publicada em 1933, denominada *La Argentina y el Imperialismo Británico*<sup>48</sup>, os irmãos Irazusta, em uma forte crítica ao pacto Roca-Runciman<sup>49</sup>, “reivindicaba para Rosas la función del polo de positividade en la historia nacional”<sup>50</sup>.

A matriz discursiva deste movimento historiográfico evoca a tendência nacionalista de pensar a história argentina sob dois matizes. Para eles, rever o papel de personagens históricos importantes renegados pela historiografia tradicional, leia-se *liberal*, tal como a de Juan Manuel Rosas, significava ressuscitar aquele espírito natural argentino relegado ao esquecimento pela perspectiva eurocentrista dos *liberais* portenhos, corrompedora da legítima *argentinidad*.

O casamento realizado pela produção histórica nacionalista e a vida política da Argentina incorporou ao vocabulário político deste país diversos termos até então desconhecido e/ou secundários. Palavras como *oligarquía*, já revista sob tom depreciativo pelos radicais<sup>51</sup>, ou ainda *imperialismo*, *liberalismo*, *nación* etc., passaram a desempenhar um novo papel legitimador das pretensões destes intelectuais. Assim:

*El fenómeno de politización de la historia y de “historicización” de la política llegó en la Argentina a un verdadero paroxismo [...] La contrahistoria revisionista opera una redefinición de la funcionalidad de la historia, pidiéndole no una conclusión objetiva y científica sobre los hechos sociales, sino una conclusión que pueda producir nuevos hechos históricos – concepto utilitario de la verdad histórica al servicio de la política. La verdad historiográfica no sirve de nada si no es capaz de engendrar nuevas realidades históricas*<sup>52</sup>

---

<sup>47</sup> Idem, p.61.

<sup>48</sup> IRAZUSTA, Rodolfo y Julio. **La Argentina y el Imperialismo Británico**, 1933. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/57461681/Irazusta-R-y-Irazusta-J-La-Argetina-y-El-Imperialismo-Britanico>. Acesso em: 01 junho 2012, p. 3.

<sup>49</sup> Acordo econômico firmado entre Inglaterra e Argentina.

<sup>50</sup> HALPERIN DONGHI, Tulio. **El revisionismo histórico argentino como visión decadentista de la historia nacional**. Buenos Aires, 2005, p. 25.

<sup>51</sup> Idem, p. 24.

<sup>52</sup> QUATTROCCI-WOISON, Idem, p. 324.

O ponto fulcral da mentalidade nacionalista argentina foi a introdução de uma outra interpretação histórica com vistas à construção de uma nova realidade social. Sua atuação junto à sociedade foi de grande reverberação. Assim, como este movimento nacionalista surgiu? De que forma se organizou no seio da sociedade civil? Quais intelectuais nele militaram? Como perceberam o seu mundo?



### 3 – Da pena às ruas: os nacionalistas e a sociedade civil se unem em nome da Pátria (1910-1930)

*Bástenos recordar que una cantidad exorbitante de brazos italianos trabaja nuestros campos, y que una cantidad extraordinaria de capitales británicos mueve nuestras empresas. En medio de este cosmopolitismo de hombres y capitales, que nos somete a una verdadera sujeción económica, el elemento nativo abdica en la indiferencia o el descaramiento de las ideas, las pocas prerrogativas que ha salvado.*<sup>53</sup>

Foram dias agitados. Buenos Aires fervilhava com os visitantes interessados pelas preparações da grande festa. Houve quem dissesse que a esplendorosa pompa daqueles dias retratava não apenas a pujança econômica dos anos de ouro da economia argentina, mas também a insólita soberba de sua tradicional *oligarquía*<sup>54</sup>. Há 99 anos a capital portenha se mobilizava para contemplar este festejo, fosse sob a ditadura de Rosas, sob os momentos de guerra e conflitos, e agora sob sua abundante riqueza, aquela data memorável para todos os argentinos jamais passou despercebida, porém, naquele ano, uma nuvem prometia obscurecer aqueles dias de patriotismo. Tratava-se do dia 25 de maio de 1910, e esta festa comemorava o centenário da independência da Argentina<sup>55</sup>.

As festas da comemoração do centenário da independência também foram palco de movimentações operárias e de grandes greves convocadas pelos sindicatos e grupos de anarquistas<sup>56</sup>. A reivindicação principal deste movimento se tratava do pedido de revisão da chamada *Ley de Residencia*, que definia que estrangeiros envolvidos em greves seriam deportados, o que se mostrou um poderoso meio de coerção social em um país repleto de imigrantes. O governo não aceitou dialogar com os manifestantes e, diante do perigo de uma greve geral na semana das comemorações, decretou o Estado de Sítio<sup>57</sup>.

---

<sup>53</sup> ROJAS, Ricardo. La restauración nacionalista IN DONGHI, Tulio Halperin. **Vida y muerte de la República verdadera (1910-1930)**. Biblioteca del Pensamiento Argentino IV. Buenos Aires: Emecé, 2007, p. 24.

<sup>54</sup> QUATTROCCI-WOISON, Idem, p. 37.

<sup>55</sup> Idem, p. 36. Não obstante o furor nacional em torno desta data, a independência formal apenas se deu no dia 9 de julho de 1816.

<sup>56</sup> Idem, p. 37.

<sup>57</sup> MCGEE DEUTSCH, Sandra. **Contrarrevolución en la Argentina**, Idem, p. 45.

O que se seguiu foram demonstrações de força, patriotismo e violência descabida. A Greve geral acabou por se realizar mesmo sob o Estado de Sítio, centenas de manifestantes foram presos e outros muitos foram mortos em confrontos com a polícia e grupos paramilitares. A aversão aos grevistas e aos anarquistas se deu por meio da ação não só do governo, mas também da sociedade civil. Muitos grupos paramilitares civis, empunhando bandeiras nacionais e desfilando ao som de canções patrióticas foram às ruas para se opor fisicamente aos manifestantes<sup>58</sup>. Jornais operários e tidos como de esquerda foram invadidos e saqueados, pessoas foram presas de forma autoritária, mulheres proletárias foram violadas e atos racistas foram praticados abertamente<sup>59</sup>.

Estes atos de brutalidade apenas reafirmaram o que já se mostrava claro desde fins do século anterior, isto é, a Argentina estava dividida, ideologicamente, entre dois grandes grupos: as massas de imigrantes e as levas de nativistas, que não reconheciam naqueles os direitos naturais aos legítimos argentinos. A intensa imigração conhecida pela Argentina agroexportadora daqueles tempos resultou, antagonicamente, em uma “tomada de consciência” nacional de grupos nativos que definiram como meta a constante vigilância sobre estes “recém-chegados”. Agora, com a situação de atrito entre estes dois grupos levada às últimas consequências, nascia no seio dos nativistas a necessidade de ação prática frente aos imigrantes e ao perigo do socialismo.

A consequência desta “tomada de consciência” nacional por parte da sociedade argentina, dita nativa, foi o surgimento de Ligas e grupos paramilitares, além de sociedades femininas de cunho social, algo que já se via desde o século XIX, com o fim de afastar os operários dos sindicatos anarquistas. Em 1912, uma tentativa de conciliação e apaziguamento das tensões foi levada a cabo pelo presidente Sáenz Peña, com a promulgação da lei que levava o seu nome<sup>60</sup>, a qual definia o sufrágio para homens nativos e naturalizados maiores de 18 anos. Criava-se a democracia representativa que levaria, apenas alguns anos mais tarde, o primeiro representante desta massa de imigrantes e operários ao poder, definindo de vez a existência de uma oposição nacionalista.

Apesar de não haver participado da Primeira Guerra Mundial, a Argentina não deixou de sentir os seus efeitos. Uma breve, porém profunda, crise econômica tomou

---

<sup>58</sup> Idem.

<sup>59</sup> Idem, p. 47.

<sup>60</sup> Trata-se da Lei Eleitoral Sáenz Peña.

conta daquele país, levando a uma enorme taxa de desempregos e, conseqüentemente, a infundáveis greves<sup>61</sup>. Foi neste período que o candidato e líder da União Cívica Radical, Hipólito Yrigoyen, se consagrou presidente da República em 1916. Dentro de poucos anos, Yrigoyen se tornaria o alvo das principais críticas dos nacionalistas dos anos 1920, por conta de sua identificação com o operariado, os imigrantes e para com a chegada da democracia representativa à Argentina.

Foi no período de guerra que o espírito nacionalista se afluorou. Sua eclosão foi percebida por muitos como um chamado às armas, em nome de uma paz nacional que surgiria por sobre a utópica ideologia liberal da paz universal. Ao seu término surgiu uma nova certeza a ser defendida e levada a cabo por uma grande parcela da intelectualidade argentina: a nação corria perigo e deveria se levantar de forma patriótica em nome da manutenção de sua integridade<sup>62</sup>. Em 1917, com a precipitação da Revolução Russa, os sindicatos e os demais grupos operários de cunho socialista da Argentina recobram suas energias, gastas com a crise, e retomaram a agenda de greves e paralisações naquele país, gerando, diretamente, a reação da oposição civil.

Em 1919 surgiu o primeiro braço civil organizado do movimento nacionalista: a Liga Patriótica Argentina<sup>63</sup>. Seu aparecimento está atrelado ao que ficou conhecido como a Semana Trágica de janeiro de 1919, que teve início quando uma greve geral fora convocada por trabalhadores metalúrgicos da cidade de Buenos Aires. Esta greve foi seguida de grandes passeatas, e por meio destas, muitos dos grevistas se envolveram em casos de depredação do patrimônio público e particular. A reação violenta da Liga foi desferida contra os imigrantes sediados na capital, onde os mais afetados, os judeus, foram interpretados como agentes a mando dos comunistas estrangeiros que teriam atuado no papel de protagonistas da grande greve.<sup>64</sup>

Dentre os grandes nomes da intelectualidade argentina que apoiaram estes atos “patrióticos” e que vieram a assumir o protagonismo deste nacionalismo por meio de suas obras fortemente engajadas, se destacam os de: Ricardo Rojas, com seu livro *La Restauración Nacionalista*, Manuel Gálvez, com *El Diario de Gabriel Quiroga* e

---

<sup>61</sup> Idem, p. 76.

<sup>62</sup> ROCK, Idem, p. 73.

<sup>63</sup> MCGEE DEUTSCH, *Contrarrevolución en la Argentina*, Idem, p. 75.

<sup>64</sup> ROCK, Idem, p. 82.

Leopoldo Lugones, com seus inúmeros discursos patrióticos e, mais tarde, a sua compilação na obra *El Payador*.

Ambos descendiam de uma tradição nativista que regressava aos momentos anteriores à Primeira Guerra, porém, a forma como se definiam intelectualmente se diferenciava. Enquanto que Rojas ainda falava em um tom de forte nativismo e pregava a “argentinização” dos imigrantes que chegavam anualmente ao seu país, Gálvez, por sua vez, rechaçava por completo a imigração e seus efeitos. Lugones trazia à cena uma mistura de nativismo e modernismo, e, por meio de um discurso de exaltação militar, elevava a pátria ao trono dos reis. O fato foi: para estes, a imigração, um dos problemas centrais da política argentina, era culpa dos liberais de outrora e dos radicais de então.<sup>65</sup>

A reflexão em torno do papel desempenhado pelos intelectuais nacionalistas é deveras importante, uma vez que sua ação prática não se deu de forma espontânea, mas sim, guiada por um heterogêneo e, pouco coeso, arcabouço teórico. José Luis Beired acentua que, para a devida compreensão das práticas políticas e ideológicas destes intelectuais, deve-se analisar a autoimagem que faziam de si próprios dentro de seu projeto de Estado, imbuído de um salvacionismo nacional e orientador das classes sociais existentes.<sup>66</sup>

O projeto de Estado aspirado por parte do nacionalismo argentino foi, como já falado, baseado na encíclica *Rerum Novarum*, que definia a harmonia de classes como o estado de espírito a ser intentado na condução de uma nova ordem mundial, o que ia na direção contrária aos dois modelos existentes; o liberal e o socialista. Esta nova ordem desenvolvia a ideia de um regime social e político onde os interesses de classe seriam defendidos sem que se abalasse a ordem natural vigente.

Sua materialização foi novamente defendida, e com ainda mais vigor, ao término da guerra em 1918, cuja interpretação apontava o liberalismo como o culpado dos males acometidos por esta. A primeira experiência *de facto* de um regime que se aproximasse deste modelo foi aquele implementado na Itália de Benito Mussolini, a partir de 1922, que tinha como base um sistema corporativista conhecido como *fascismo*. Aqui se deu o surgimento da inclinação fascista de parte deste nacionalismo argentino<sup>67</sup>, exatamente

---

<sup>65</sup> FLORIA, Carlos. **Pasiones nacionalistas**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1998, p. 71.

<sup>66</sup> BEIRED, José Luis Bendicho. **Sob o signo da nova ordem**: Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina. São Paulo: Ed. Loyola, 1999, p. 61.

<sup>67</sup> Vertente encarnada, sobretudo, na figura de Leopoldo Lugones.

em um momento onde os intelectuais daquele país estavam discutindo rumos alternativos à Argentina democrática dos radicais<sup>68</sup>.

O grande inimigo colocado à prova por estes nacionalistas neste período foi o governo do radical Hipólito Yrigoyen<sup>69</sup>, que governou entre 1916 e 1922 e depois foi novamente eleito entre 1928 e 1930, data em que foi deposto pelo golpe militar. Sua vitória apenas foi possível graças à lei eleitoral Sáenz Peña de 1912, que pôs fim à hegemonia da velha *oligarquía*, que não via com bons olhos o sufrágio universal.

Diversos jornais e revistas surgiram ao longo desta década em oposição aos seus governos, graças, inclusive, ao grande índice de alfabetização da sociedade argentina, o que possibilitava a existência de um numeroso público leitor<sup>70</sup>. Dentre estes se destacaram as revistas *Renovación*, de 1923, *Martin Fierro*, de 1924, *Claridad*, de 1926 e *Criterio*, de 1928, além do mais famoso veículo de promoção do movimento nacionalista, a revista *La Nueva República* de 1927, que foi dirigida por Ernesto Palácio e Rodolfo Irazusta, além de ter tido como integrantes grandes nomes como Juan Carulla, Juan Carlos Villafañe, Carlos Ibarguren, Manuel Gálvez e Leopoldo Lugones, dentre vários outros.<sup>71</sup>

O papel levado a cabo por estes nacionalistas foi de grande relevância para os rumos políticos seguidos por este país nas décadas seguintes, tendo como estopim o golpe militar nacionalista de José Felix Uriburu em 1930. Sua produção intelectual, desta forma, merece um olhar mais atento por parte dos estudiosos deste tema, como forma, sobretudo, de elucidação daquele momento histórico específico. Em outras palavras, de que forma perceberam a situação social e política de seu país e quais foram suas principais críticas e propostas?

---

<sup>68</sup> FLORIA, Idem, p.69.

<sup>69</sup> Eleito pela União Cívica Radical.

<sup>70</sup> FLORIA, Idem, p. 44.

<sup>71</sup> BEIRED, Idem, p. 48.

### 3.1 – Nacionalismo em ação: Leopoldo Lugones, os irmãos Irazusta e outros nacionalistas nos anos 1920

A década de 1920 significou o acirramento do debate em torno das ideias no contexto argentino. Suas consequências para o futuro político daquele país foram catastróficas e, na maior parte, infelizes. Em um último fôlego, a democracia procurou resistir aos paulatinos golpes desferidos pela crítica nacionalista, ainda muito ampla e desconexa neste período. Foi apenas com a criação do jornal *La Nueva Republica*, em 1927, que ela conseguiu encontrar e intentar certo nível de organização ainda não concretizado até então, tal como assinalou mais tarde Julio Irazusta e Federico Ibarguren.<sup>72</sup>

O discurso nativista presente desde o início do século, sobretudo a partir das comemorações do centenário da independência em 1910 e dos acontecimentos posteriores, como a violenta reação nacionalista às greves durante a Semana Trágica de 1919, ganhou um formato ainda mais engajado a partir deste momento. O movimento nacionalista, seu herdeiro, ganhava, agora, um novo impulso. Sua reação patriótica foi desferida contra aquele que representava o grande mal da nação: o presidente Hipólito Yrigoyen.

A tensão existente entre parcelas das velhas *oligarquías*, destronadas com a eleição de Yrigoyen em 1916, e o seu governo foi ampliada em força ao longo de seu primeiro mandato. A situação, já complicada desde a Semana Trágica, ganhava fôlego com o crescente antiliberalismo encarnado pela oposição, que se definiu, desde então, como primordialmente antiliberal e antiyrigoyenista.<sup>73</sup> O arcabouço teórico sobre o qual se sustentaram fora constituído de uma diversidade de intelectuais contrarrevolucionários europeus, como o francês Charles Maurras, tão apropriado pelos jovens intelectuais nacionalistas argentinos, a exemplo dos irmãos Rodolfo e Julio Irazusta.<sup>74</sup>

Uma das marcas da mentalidade destes nacionalistas foi o forte catolicismo pregado por seus pensadores, visto como a base espiritual nacional. Peculiarmente, um

---

<sup>72</sup> BARBERO, María Inés; DEVOTO, Fernando. **Los Nacionalistas (1910-1932)**. Biblioteca Política Argentina. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1983, p. 8.

<sup>73</sup> FLORIA, Idem, p. 71.

<sup>74</sup> ROMERO, Luis Alberto. **História Contemporânea da Argentina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 41.

dos grandes expoentes deste movimento, talvez o maior desta década, o escritor Leopoldo Lugones, foi fortemente ateu ao longo de sua vida, porém, também fora, apesar disto, muito admirado por seus seguidores, exatamente por sua capacidade de sintetizar e dar voz ao espírito dominante da época, isto é: a crítica ao liberalismo e ao governo radical.

Leopoldo Lugones foi um influente intelectual argentino que militou no meio político de forma direta e ativa, dando voz aos descontentes com o novo governo de base popular, se fazendo representante máximo das *oligarquías* e incorporando o fiel retrato da aristocracia reinante de outrora<sup>75</sup>. Já em 1916, em consonância com a posição de Ricardo Rojas e Manuel Carlés, contrários ao advento radical, Lugones diria no prólogo de sua obra-prima *El Payador* que “*Solemnes, tremebundos, inmunes con la representación parlamentaria, así se vinieron. La ralea mayoritaria paladeó [...] a quien nunca habían tentado las lujurias del sufragio universal.*”<sup>76</sup>

Em julho de 1923, Lugones proferiu no Teatro Coliseo de Buenos Aires quatro conferências que entraram para a história daquele país. Seu clamor em nome de uma nova ordem, baseada no militarismo e na derrocada do sistema democrático, ao qual entendia como corrupto e enfermo, gerou grandes repercussões internas nos anos seguintes, especialmente entre os setores militares, aos quais tanto exaltava, e que já estavam envolvidos com estes intelectuais desde a criação da Liga Patriótica.<sup>77</sup>

Um dos principais pontos levantados por Lugones nestas conferências foi a denúncia de uma “*doble amenaza*” que ameaçava a nação, que seriam: a paz armada e a imigração em massa. Dizia ele: “*No estará la Patria en peligro, pero hay, sí, un doble peligro que se cierne sobre la Pátria. El peligro!... Con qué confianza lo declaro, en la serenidad viril, en la energía magnífica de mi pueblo!*”<sup>78</sup>, e já ditava, em tons

---

<sup>75</sup>BUSTELO, Natália. La figura política de Leopoldo Lugones en los años veinte. **Papeles de Trabajo**, Buenos Aires, Ano 2, nº 5, 2009. Disponível em: [http://www.idaes.edu.ar/papelesdetrabajo/paginas/Documentos/05\\_8\\_NBusteloLafigurapoliticadeLugones.pdf](http://www.idaes.edu.ar/papelesdetrabajo/paginas/Documentos/05_8_NBusteloLafigurapoliticadeLugones.pdf). Data de Acesso: 9 de dezembro de 2012, p. 1.

<sup>76</sup>LUGONES, Leopoldo. **Payador y antología de poesía y prosa**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1979, p. 48.

<sup>77</sup>ROMERO, Idem, p. 40.

<sup>78</sup>LUGONES, Leopoldo. **Acción: Las cuatro conferencias patrióticas del Coliseo: 6, 11, 14 y 17 de julio de 1923**. Buenos Aires: Est. Gráfico A. de Martino, 1923, p. 8 IN Disponível em: <http://www.bnm.me.gov.ar/cgi-bin/wxis.exe/opac/?IsisScript=opac/bibdig.xis&dbn=LUGONES&src=link&tb=tem&query=CONFERENCE&cantidad=&formato=breve&sala>. Acesso em: 20/11/2012.

proféticos, que a situação impunha aos argentinos “*una actitud militante, parecida a la militar*”.<sup>79</sup>

Em contrapartida a este clamor de Lugones pelas armas, evocado em nome da defesa nacional, Alfredo L. Palacios, influente intelectual nacionalista de vertente socialista, poucos dias depois se pronunciou, publicamente, de forma contrária ao armamentismo desenfreado defendido por aquele, dizendo que tal atitude “*sería absurda, porque entre los pueblos de América no hay enconos ni hay animosidades*.”<sup>80</sup>

Um ano depois, em 1924, Lugones voltaria a reverberar palavras de ameaça e medo durante as comemorações do centenário da Batalha de Ayacucho<sup>81</sup>, onde fora enviado especial da delegação argentina. O discurso por ele proferido neste momento foi, sem dúvidas, um dos mais famosos de sua vida. Em meio às suas palavras, percebe-se a ideia básica de que a paz, naqueles tempos sombrios, não poderia ser sustentada por um regime democrático, mas sim por meio de uma nova ordem política militarizada e armada:

*Ha sonado otra vez, para bien del mundo, la hora de la espada [...] El pacifismo no es más que el culto del miedo, o una añagaza de la conquista roja, que a sua vez lo define como un prejuicio burgués. La gloria y la dignidad son hijas gemelas del riesgo; y en el propio descanso del verdadero varón yergue su oreja el león dormido. La vida completa se define por cuatro verbos de acción: amar, combatir, mandar, enseñar [...] La vida misma es un estado de fuerza.*<sup>82</sup>

Lugones se mostrava claramente influenciado pelo modelo recém-adotado na Itália fascista de Mussolini, o qual ganhou grandes proporções entre os nacionalistas.<sup>83</sup> É importante, porém, salientar, tal como levantado por Finchelstein, a necessidade de se perceber as diferenças existentes entre o pensamento fascista europeu e o seu similar

---

<sup>79</sup> Idem, p. 11.

<sup>80</sup> HALPERIN DONGHI, **Vida y muerte de la República verdadera**, p. 377. Anos depois, em 1928, as polêmicas envolvendo estes dois personagens atingiram seu ápice com o artigo de Lugones denominado “*El nacionalismo*”, onde este defendia que, o nacionalismo, tão atribuído ao seu pensamento, e claramente defendido por Palacios, era na verdade um estado de ódio, enquanto que o termo que melhor definiria o que pensava e defendia seria “patriotismo”, pois este, ao contrário do anterior, representava um “*estado de amor*”. Neste artigo, Lugones também se coloca contrário ao antissemitismo crescente no mundo, incluso na Argentina, atribuindo ao nacionalismo as causas do “*renacimiento de la persecución antisemita*”. Idem, p. 392.

<sup>81</sup> Considerada a última batalha do processo de independência das antigas colônias espanholas.

<sup>82</sup> LUGONES, **Payador y antología de poesía y prosa**, Idem, p. 306.

<sup>83</sup> Na mesma conferência “*Ante la doble amenaza*”, Lugones fala que a “*Italia acaba de enseñarnos cómo se restaura el sentimiento nacional bajo la heroica reacción facista encabezada por el admirable Mussolini [...]*” LUGONES, **Acción**, p. 19.



argentino.<sup>84</sup> O autor aponta que os principais motivos que permitiram a ascensão desta ideologia naquele continente, dentre estes o nacionalismo extremo e excludente, o anticomunismo e a valorização da guerra, bem como outros, apareceram na Argentina ao mesmo tempo do que nos países europeus, havendo assim um misto de reformulação e distorção deste fascismo europeu dentre os argentinos, cuja *“recepción ya estaba preparada y condicionada por ideologías locales que la preceden”*.<sup>85</sup>

O governo de Marcelo T. de Alvear, eleito democraticamente em 1922, foi um período de menor oposição pública por parte desses intelectuais. Isso resultava do fato de o novo presidente apresentar uma postura mais conservadora e, em alguns aspectos, inclusive de antagonismo em relação ao seu predecessor, apesar de também pertencer à União Cívica Radical<sup>86</sup>. Não significa, entretanto, que estes intelectuais tenham ficado inertes durante os quatro anos de seu governo, pelo o contrário: foi neste período que, em seus ciclos internos, o movimento nacionalista se consolidou, encontrando ecos ainda mais fortes na sociedade civil.<sup>87</sup>

A descrença no regime democrático vigente se fez mais perceptível durante este momento. Leopoldo Lugones, no ano de 1926, fervilhava ideias antidemocráticas no bojo dessa corrente, acusando não só o governo, mas sim o próprio sistema constitucional argentino pelos problemas nacionais, e evocava as experiências passadas em nome da restauração da ordem:

*Nuestro sistema constitucional no tiene ya remedio dentro de sí mismo, porque está muerto [...] Lo único que sobrevive, es decir el poder presidencial, se mantiene así porque está en nuestra índole. De ahí há de salir por iniciativa o por abdicación, aquella gloriosa dictadura latina que está triunfante o que se ve venir para todos los pueblos de nuestra raza [...] Creo en la democracia latina, que siendo una selección, no excluye al pueblo ni a la dictadura o Ejecutivo fuerte [...]*<sup>88</sup>

---

<sup>84</sup> FINCHELSTEIN, Federico. **La Argentina fascista**: los orígenes ideológicos de la dictadura. Nudos de la Historia Argentina. Buenos Aires: Sudamerica, 2008, p. 2.

<sup>85</sup> Idem, p. 5.

<sup>86</sup> DI TELLA, Torcuato. **História social da Argentina contemporânea**. Brasília, FUNAG, 2010, p. 163.

<sup>87</sup> ROMERO, Idem, p. 41.

<sup>88</sup> AYARRAGARAY, Lucas. IN DONGHI, Idem, p. 415. Lucas Ayarragaray, intelectual católico liberal, respondeu a este chamado patriótico de Lugones em nome da imposição de uma ditadura reconciliadora, ao modo da ditadura latina do Império Romano, de forma negativa, recusando-se a acreditar que esta seria a única escapatória possível para a democracia de massas, a qual ambos se opunham, e ainda o satirizou, dizendo que, se o caso era de invocar a cultura latina de outrora, certamente não poderia fazê-lo em nome do passado colonial espanhol, certo de que a Espanha que os colonizou *“era por supuesto tan semítica, árabe, como latina”*.

O passado se fez, portanto, o mito fundador da concepção de mundo deste nacionalismo, fortemente pautado em uma visão pessimista do presente e ostentadora de um passado de ouro. Enquanto Lugones, inspirado na experiência fascista italiana, invocava o Império Romano, os demais intelectuais nacionalistas, de postura católica, invocavam outro passado menos remoto. César E. Pico, por exemplo, que publicou na revista nacionalista católica *Criterio*, tendo como inspiração as ideias do filósofo russo Nikolai Berdiaeff e do francês Maurras, pôs em pauta a necessidade de uma nova Idade Média para a restauração da hierarquia espiritual, tão abalada pelo materialismo iluminista. Segundo ele:

*He aquí la nueva Edad Media que vislumbra [...] No es un retorno puro y simple hacia la antigua "cristandad", porque los siglos transcurridos han impresso una nueva fisionomía a los acontecimientos; pero sí es un restablecimiento de las jerarquías espirituales como condición del orden nuevo, un predominio de los valores de la cultura*<sup>89</sup>

Em 1928, porém, a retórica nacionalista retornou à cena pública de forma triunfal, dado que, mais uma vez, o grande inimigo destes nacionalistas voltara ao poder: Hipólito Yrigoyen fora reeleito. Foi nesta época que se fundou, como já dito anteriormente, o jornal *La Nueva Republica*, sob a direção de Rodolfo Irazusta. Este jornal apareceu no fim do governo Alvear em 1927, mas sua entrada no cenário político se deu a partir do ano seguinte, dado o retorno de Yrigoyen. Seu escopo de escritores e leitores era muito heterogêneo, mesmo para os padrões do movimento nacionalista, constituído, basicamente, de: “*católicos tradicionales, o conversos recientes, maurrasianos, conservadores, antipersonalistas e yrigoyenistas, nacionalistas de actuación flamante y empíricos puros*”<sup>90</sup>.

Foi ali que se deu a constituição *de facto* deste movimento nacionalista. Já em dezembro de 1927, pouco depois do lançamento da revista, Ernesto Palacio publicava dizendo que:

*La generación a que pertenecemos tiene ya bien definida su misión en la historia de la cultura argentina. Al revisar su patrimonio, nuestra juventud (la que cuenta) ha podido comprobar la vaciedad de las ideologías democráticas y liberales con que se nutrieron sus*

---

<sup>89</sup> Criterio, ano I, Nº 9, 3-5-1928 IN DONGHI, Idem, p. 399.

<sup>90</sup> BARBERO; DEVOTO, p. 69.

*antecedentes inmediatos. Reconoce, en consecuencia, la necesidad de reaccionar contra ellas.*<sup>91</sup>

Uma das marcas de seus intentos políticos foi o programa de governo proposto pelo jornal em outubro de 1928. Este curioso programa apresentou alguns tópicos interessantes, como: uma reforma eleitoral; que deveria proibir o voto dos “*Delincuentes de toda categoría/Los analfabetos/Los insolventes y Los extranjeros*” uma nova lei de imigração, uma espécie de “*adaptación de las denominaciones tradicionales*”, que deveria reestabelecer a vida coletiva a partir de denominações existentes anteriormente ao processo de independência, tal como “*el cabildo*”.<sup>92</sup> Outro ponto essencial que é levantado neste programa é a “*Supresión de la enseñanza laica*”, pois, segundo colocado “*Instaurar la obligatoriedad de la enseñanza religiosa [...] es hoy una necesidad fundamental para el enderezamiento moral del país*”<sup>93</sup>.

Os irmãos Julio e Rodolfo Irazusta marcaram o seu tempo. Fervorosos em sua luta política em nome da “restauração democrática” publicaram neste jornal diversos e, primorosos, artigos de forte teor patriótico. Em um destes, Julio Irazusta coloca em xeque a conceituação clássica de República e Democracia, onde apresenta a ideia de que, enquanto a primeira ilustraria o apreço pela coisa pública, a segunda “*es la utopía, la abstracción*”, isto é, algo que corrompe a ordem institucional<sup>94</sup>. Assim, como afirma Noriko Mutsuki, uma especialista em seu pensamento:

*en su opinión, la democracia es factible sólo en una sociedad compuesta de un puñado de ciudadanos y gran cantidad de esclavos como las sociedades greco-romanas, y esa adopción en la sociedad moderna produciría ‘la nivelación por abajo’*<sup>95</sup>

Seguindo esta linha, seu irmão Rodolfo tratou logo de atacar o “despótico” governo de Yrigoyen, ao dizer que sua permanência no poder apenas era possível graças à “*turba democrática*” que o sustentava. Comparou, a denegrir, o “*autoritarismo del*

---

<sup>91</sup> PALACIO, Ernesto. Organicemos la contrarrevolución. La Nueva Republica, 1-12-1927 IN BARBERO; DEVOTO, p. 90.

<sup>92</sup> La Nueva Republica, 20-X-1928 IN Idem, p. 114.

<sup>93</sup> Idem, p. 117.

<sup>94</sup> IRAZUSTA, Julio. Republica y democracia. La Nueva Republica, 15-3-1928 IN Idem, p. 101

<sup>95</sup> MUTSUKI, Noriko. **Julio Irazusta**: Treinta años de nacionalismo argentino. Buenos Aires: Biblos, 2004, p. 59.

*caudillo democrático*”<sup>96</sup> Yrigoyen à imagem do ditador Juan Manuel Rosas, visto aqui, em uma clara visão revisionista, como a de um caudillo vigoroso e forte que encarnou ao seu tempo “*la reacción del espíritu nacional [...] del interés supremo del Estado y la absorción por éste de todos los intereses y derechos individuales*”<sup>97</sup>.

A retórica destes nacionalistas levou o seu público a crer que a solução final era a inevitável queda de Yrigoyen e a implantação de um novo governo que aspirasse a uma nova ordem política, tão defendida deste o início desta década. O ano de 1930 foi marcado por uma profunda apreensão por parte da sociedade argentina. Seria a hora de se conjecturar na prática as ideias postas no plano teórico por estes intelectuais ao longo de toda uma década?

Rodolfo Irazusta, em 28 de junho, torcia para tal: “*Tiempo hace ya que se habla de una posible revolución para derrocar el gobierno del señor Yrigoyen. Los atropellos y desconsideraciones tenidas por éste al ejército, prometieron a los opositores exaltados una reacción violenta y patriótica*”, porém, refletia que “*Hay, sin embargo, la sensación de que todo movimiento armado es difícil, si no imposible*”<sup>98</sup>. Mal sabia ele de seu engano.

Em 10 de agosto o jornal *La Prensa*, veículo mantido pelos militares, publicava o manifesto apresentado pela oposição aos deputados e senadores federais, onde denunciavam o poder executivo por seus atos, tido como corruptor da nação, e tinha como objetivo convocar a “*adhesión de todos los ciudadanos que quieran para la República un gobierno constitucional y democrático*”<sup>99</sup>.

Menos de 1 mês depois, em 9 de setembro de 1930, as Forças Armadas, apoiadas por setores da sociedade civil, derrubavam o governo de Hipólito Yrigoyen e levavam à presidência provisória o general José Félix Uriburu<sup>100</sup>. Era o fim da era democrática e o início de um novo tempo para a Argentina que, segundo Lugones “*Las armas de la Nación salvaronla por cuenta propia*”<sup>101</sup>. A História, porém, acabou por desvelar outro destino a sua amada nação

---

<sup>96</sup> Idem., *La Nueva Republica*, 2-III-1929 IN Idem, p. 114.

<sup>97</sup> IRAZUSTA, Rodolfo. *El Baluarte*. *La Nueva Republica*, 25-XII-1929 IN Idem, p. 109.

<sup>98</sup> Id., *La dificultad de la revolución*. *La Nueva Republica*, 28-6-1930 IN DONGHI, Idem, p. 477.

<sup>99</sup> *Manifiesto de los 44 legisladores de la oposición*. *La Prensa*, 10-8-1930 IN Idem, p. 472.

<sup>100</sup> ROMERO, Idem, p. 63.

<sup>101</sup> LUGONES, *Payador y antología de poesía y prosa*, Idem, p. 308.

## Conclusão

A História da Argentina tem demonstrado certa preferência pelas polarizações. Desde seu ato fundador, nos meandros do processo independentista, este país tem enfrentado a existência de múltiplos fatores antagônicos em seu bojo social. Em um primeiro ato, assistiu aos embates de unitários e *federales* em busca de uma definição territorial. No segundo, apareceu em cena o enfrentamento entre estes e os liberais, como ficaram marcados, em nome de um modelo de Estado. No terceiro e último ato, surgiram os nativistas que, embasados no passado federalista, fizeram oposição à tradição liberal em nome de uma ideologia nacional.

Seu ápice se deu em um momento de questionamento mundial da ordem social e política existente, isto é, ao longo da Primeira Guerra Mundial e de seus anos posteriores. Este período, alcunhado de entre guerras, assistiu à elevação da retórica patriótica e fortemente nacionalista ao redor do mundo. A Europa viu surgir, nestes anos, o regime fascista italiano e sua posterior proliferação pelo continente, enquanto que, nas Américas, regimes democráticos soçobravam por todos os lados frente aos levantes militares nacionalistas. Na Argentina, no fim, não foi diferente.

Ao longo da década de 1920 se deu o crescimento e fortalecimento de um novo ator político que se mostrou, com os anos, ser decisivo na história daquele país. Os intelectuais, tão influentes na profusão de ideias no seio da sociedade argentina, reverberaram as contradições internas por meio de seus escritos engajados. Foi ali que houve a consolidação do movimento nacionalista, corporificado por intelectuais como Leopoldo Lugones e os irmãos Rodolfo e Julio Irazusta.

Seu discurso cristalizava os medos dos nativistas como Ricardo Rojas e Manuel Gálvez frente a forte presença estrangeira no país e à *desargentinização* da cultura argentina. Seus medos se reafirmaram com o advento dos radicais ao poder, representantes políticos destas massas de imigrantes, a partir da reforma eleitoral em 1912, e a fagulha para a mobilização *patriótica* dos nacionalistas foi acesa.

Este longo período foi marcado pela presença de novos tipos de governantes, todos pertencentes à União Cívica Radical, primeiro partido não *oligárquico* a alcançar o poder, o representante máximo das massas até então excluídas do jogo político. O

principal nome deste partido foi Hipólito Yrigoyen, eleito presidente duas vezes ao longo desta década, graças ao sufrágio universal posto em prática pela lei Saenz Peña de 1912, que foi fortemente atacada pelo movimento nacionalista por conta da importância conferida, desde então, aos setores populares da sociedade.

A forte oposição aos governos radicais, e a sua base, e à própria persona de Yrigoyen, marcou a trajetória destes intelectuais, aos quais, combinados ideologicamente com a ética dos setores militares, desferiram um golpe militar em 6 de setembro de 1930 contra o governo democrático, definindo assim, por muitas décadas a história daquele país, marcada por ditaduras militares, com breves momentos democráticos, ao longo de cinco décadas, tendo fim apenas em 1983 com processo de redemocratização. A Argentina, sem dúvidas, não mais foi a mesma desde o aparecimento do movimento nacionalista em sua vida política.

## Fontes Bibliográficas

### I - Fontes Primárias

BARBERO, María Inés; DEVOTO, Fernando. **Los Nacionalistas (1910-1932)**. Biblioteca Política Argentina. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1983.

DONGHI, Tulio Halperin. **Vida y muerte de la República verdadera (1910-1930)**. Biblioteca del Pensamiento Argentino IV. Buenos Aires: Emecé, 2007.

IRAZUSTA, Rodolfo y Julio. **La Argentina y el Imperialismo Británico**. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/57461681/Irazusta-R-y-Irazusta-J-La-Argentina-y-El-Imperialismo-Britanico>. Acesso em: 01 junho 2012.

LUGONES, Leopoldo. **Payador y antologia de poesia y prosa**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1979.

\_\_\_\_\_, Leopoldo. **Acción: Las cuatro conferencias patrióticas del Coliseo: 6, 11, 14 y 17 de julio de 1923**. Buenos Aires: Est. Gráfico A. de Martino, 1923. Disponível em: <http://www.bnm.me.gov.ar/cgi-bin/wxis.exe/opac/?IsisScript=opac/bibdig.xis&dbn=LUGONES&src=link&tb=tem&query=CONFERENCIAS&cantidad=&formato=breve&sala>. Acesso em: 20 de novembro de 2012.

### II - Fontes Secundárias

#### a) Artigos e Periódicos

BUSTELO, Natália. La figura política de Leopoldo Lugones en los años veinte. **Papeles de Trabajo**, Buenos Aires, Año 2, nº 5, 2009. Disponível em: [http://www.idaes.edu.ar/papelesdetrabajo/paginas/Documentos/05\\_8\\_NBusteloLafigura politicadeLugones.pdf](http://www.idaes.edu.ar/papelesdetrabajo/paginas/Documentos/05_8_NBusteloLafigura politicadeLugones.pdf). Data de Acesso: 9 de dezembro de 2012.

KIRSCHNER, Tereza. A reflexão conceitual na prática historiográfica. **Textos de História**, vol. 15, nº1/2, 2007. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/textos/article/view/959>. Acesso em: 15 julho 2013.

## **b) Livros**

BALAKRISHNAM, Gopal (Org.) **Um Mapa da Questão Nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

BANDEIRA, Moniz. **O Expansionismo brasileiro e a formação dos Estados na Bacia do Prata**. 3ª ed. Brasília: UnB, 1998.

BEIRED, José Luis Bendicho. **Sob o signo da nova ordem**: Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder**: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: Unesp, 1997.

DI TELLA, Torcuato. **História social da Argentina contemporânea**. Brasília, FUNAG, 2010.

HALPERIN DONGHI, Tulio. **Historia Contemporânea de America Latina**. 21ª ed. Madrid: Ed. Alianza, 2010.

\_\_\_\_\_, Tulio. **El revisionismo histórico argentino como visión decadentista de la historia nacional**. 1ª ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005.

FINCHELSTEIN, Federico. **La Argentina fascista**: los orígenes ideológicos de la dictadura. Nudos de la Historia Argentina. Buenos Aires: Sudamerica, 2008.

FLORIA, Carlos. **Pasiones nacionalistas**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1998.

HOBBSBAWM, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LOPES, Marcos Antônio (org.) **Grandes Nomes da História Intelectual**. São Paulo: Ed. Contexto, 2003.

LUNA, Félix. **Breve Historia de los Argentinos**. 11ª ed. Buenos Aires: Planeta, 2003.



MCGEE DEUTSCH, Sandra. **Contrarrevolución en la Argentina:** La Liga Patriótica Argentina (1900-1932). Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_, Sandra. **Las Derechas:** La Extrema Derecha en la Argentina, el Brasil y Chile (1890-1939). Buenos Aires: Universidad de Quilmes Editorial, 2005.

MUTSUKI, Noriko. **Julio Irazusta:** Treinta años de nacionalismo argentino. Buenos Aires: Biblos, 2004.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

QUATTROCCHI-WOISSON, Diana. **Los Males de la Memoria:** Historia y Política en la Argentina. Buenos Aires: Emecé, 1995.

REMOND, René. **Por uma história política.** 2. ed. Rio de Janeiro: FGV Ed., 2010.

ROCK, David. **La Argentina Autoritaria:** Los Nacionalistas, su historia y su influencia en la vida pública. 2. ed. Buenos Aires: Editora Ariel, 1993.

ROMERO, Luis Alberto. **História Contemporânea da Argentina.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SHUMWAY, Nicolás. **La Invención de la Argentina:** Historia de una Idea. 2 ed. Buenos Aires: Emecé, 2002.

### **Declaração de Autenticidade**

Eu, Diogo D'angelo de Araujo Roriz, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado *La Hora de la Espada: as origens do movimento nacionalista argentino (1920-1930)* foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.